

PRÁTICAS DOCENTES DE ANÁLISE TEXTUAL: CONCEPÇÕES SUBJACENTES

DOCENT PRACTICES OF TEXTUAL ANALYSIS: UNDERLYING CONCEPTIONS

Francisca dos Santos Teixeira
Antônia Edna Brito

Resumo: O presente trabalho analisa práticas docentes de análise textual, revelando as concepções sociolinguísticas subjacentes às mesmas. Trata-se de um estudo de caso realizado por meio de uma pesquisa de campo de natureza qualitativa, implementada no seio de uma escola pública da rede municipal de ensino, localizada na zona urbana de Teresina. No desenvolvimento da pesquisa foram utilizados questionários com vista à definição dos perfis profissionais dos sujeitos investigados. Os dados inerentes ao fenômeno em foco foram construídos e interpretados com apoio em instrumentos de coleta como entrevista, para averiguação dos pressupostos docentes utilizados no processo de avaliação textual bem como de estudo analógico entre teoria e critérios práticos valorizados pelos professores interlocutores no que concerne à interpretação textual. Nesse processo, tomou-se, então, o texto do aluno como instrumento para a percepção das dimensões teórico-metodológicas que subjazem às atividades docentes relativas à tessitura textual. Convém lembrar que este trabalho segue numa linha científica, a qual se fundamenta, mais precisamente, em estudiosos das áreas específicas da comunicação humana, tais como Antunes(2003), Bakhtin(1997), Cagliari(1996), Freire(1996) e Soares(1994), entre outros. Os resultados mostram que, no bojo das posições docentes acerca do fenômeno investigado, o que predomina mesmo são atividades didáticas mecânicas e descontextualizadas, de extrema preocupação com os aspectos estéticos e estruturais do texto tais como ortografia, prosódia e paragrafação, em detrimento de todos os valores semânticos-sociais que fundamentam o discurso, nas suas mais variadas dimensões, o que demonstra uma postura docente de análise textual fortemente comprometida com os estereótipos linguísticos da cultura capitalista, que impera no espaço público municipal escolar.

Palavras-chave: Práticas docentes. Análise textual. Produção textual. Estereótipos linguísticos

Abstract: The present work analyzes docent practices of textual analysis, revealing the sociolinguistics conceptions underlying to the same ones. It is a case study accomplished through a field research of qualitative nature, implemented in the breast of a public school of the municipal net teaching localized in the urban zone of Teresina. In the development of the research questionnaires were used with view to the definition of the professional profiles of the investigated subjects. The inherent data to the phenomenon in focus were built and interpreted with the support in collection instruments as interview for verification of the educational presuppositions utilized in the process of textual evaluation as well as of analogical study between theory and practical criterions valued by the teacher-speakers in the that concerns to the interpretation of the textual quality. In that process, they are taken, then, the student text as instrument for perception of the theoretical-methodological dimensions that perceive the docent activities of evaluation relative to the textual tessiture. It's important to remind that this work follows a scientific line that it is based, more just, in specialists of the specific areas of the human communication, such like Antunes (2003), Bakhtin (1997), Cagliari (1996), Freire (1996) and Soares (1994), among other researchers. The results show that, in the bowl of the docent positions concerning the investigated phenomenon, what does prevail are mechanical didactic activities and disconnected, of extreme concern with the aesthetic and structural aspects of the text, such as spelling, prosody and paragraphation, in detriment of all the semantic-social values that base the speech, in the it's more dimensions, what demonstrates an educational posture of textual analysis strongly committed with the linguistic stereotypes of the capitalist culture that it reigns in the public municipal school space.

Keywords: Docent practices. Textual analysis. Text production. Linguistic stereotypes

1 Introdução

Analisar cientificamente os pressupostos sociolinguísticos que se concretizam na tessitura textual deve ser preocupação de todo educador que busque compreender o papel de cada um dos sujeitos do ato de comunicação para a elaboração das estruturas discursivas.

No entanto, o que mais se percebe, no cotidiano escolar, são práticas pedagógicas arcaicas que ignoram as reais possibilidades de elaboração sociocognitiva do aluno, numa tentativa de sucumbir todas as habilidades criadoras que emergem dos modos de vida interativos dos sujeitos, os quais se refletem, socialmente, por meio da língua oral ou escrita. Esse princípio teórico bem se ajusta às considerações de Góes (1997), quando aborda a necessidade de, no contexto escolar, o aluno se tornar sujeito interativo, que elabora conhecimentos sobre os objetos, em processos mediados pelo outro e constituídos pela linguagem. Esse pensamento linguístico atenta para o texto como sendo uma das esferas centralizadoras das múltiplas interpretações formalizadas por meio da palavra, agente de abstração importante na delimitação das ações conscientes dos segmentos humanos. Até porque a palavra é, na visão de Bakhtin (1997), o material semiótico privilegiado no psiquismo humano, e é, portanto, capaz de expressar diversas nuances das experiências coletivas.

Vem, pois, aprofundar um pouco mais esses aspectos o que expressa Depresbiteris (1999), quando fala da importância de se afastar do processo ensino-aprendizagem as respostas padronizadas, fixas, os pensamentos convergentes; buscando-se critérios flexíveis no que tange à categorização de ‘certo’ ou ‘errado’. Só assim, é possível encontrar, no âmbito da linguagem, questionamentos mais subjetivos e sólidos, rompendo-se com as estereotipadas definições gramaticais de natureza diversa como ortografia, morfologia e sintaxe, entre outras infrutíferas classificações.

Convém lembrar, então, que o objetivo deste estudo é investigar se as concepções sociolinguísticas que subjazem às estruturas textuais são valorizadas nas práticas docentes desenvolvidas no âmbito da escola pública municipal de Teresina. Isso porque as competências comunicativas não se definem tão somente pelo uso formal dos mecanismos gramaticais como ortografia, morfologia ou sintaxe; há, porém, outros fatores intrínsecos à tessitura textual, de natureza semântico-social, que se explicitam, através das variantes coloquial e culta da língua, e que enriquecem, grandemente, o ato da comunicação em toda a sua extensão. Daí a preocupação constante desta pesquisa em averiguar se os docentes, em

suas atividades didáticas cotidianas de análise textual, primam ou não pela valorização desses relevantes elementos contextuais, que dão vida à comunicação humana.

E, com base numa perspectiva de construção sociocognitiva da linguagem, é que se definiu, no âmbito do processo ensino-aprendizagem, o seguinte problema: os múltiplos aspectos sociolingüísticos da estrutura textual estão sendo valorizadas nas praticas pedagógicas dos professores de 5.^a e 6.^a séries da escola pública municipal de Teresina?

O interesse por este estudo se deu pelo fato de que, nesse ciclo do Ensino Fundamental, evidenciam-se grandes dificuldades de se equacionar conflitos provenientes do processo de aplicação das normas linguísticas culta e coloquial nas diversas instâncias da comunicação humana; daí, torna-se oportuno frisar a necessidade evidente de os educadores implementarem pesquisas que atentem para a influência do contexto na estrutura textual, visto que não se pode negar tal realidade nem afastá-la das instituições de ensino.

Com este propósito, o presente texto está organizado em quatro partes. A primeira compreende a introdução, a qual delimita, contextualmente, o problema, expõe o objetivo principal, a justificativa, bem como as fases de elaboração do estudo.

A segunda parte traz o referencial teórico, abordando os fundamentos sociolingüísticos de análise textual, momento em que se recorre a autores intrinsecamente ligados a questões de elaboração dos discursos nas esferas sociais, tais como Antunes (2003), Cagliari(1996), Fávero e Koch (1994), Freire(1996), Soares(1994), entre outros.

Os procedimentos metodológicos contemplados na parte três delineiam o estudo, os sujeitos investigados, o tipo de pesquisa, bem como o processo de coleta de dados e o modo de análise dos mesmos. Ainda na terceira parte apresenta-se a análise dos dados, focalizando as práticas docentes de análise textual, num processo de observação direta dos questionamentos feitos aos docentes durante as entrevistas e as análises dos textos dos alunos.

Enfim, na parte quatro, tecem-se considerações sobre os resultados da pesquisa, com reflexões alusivas à dimensão de influência dos mesmos dentro do processo ensino-aprendizagem, procurando ver se são positivos ou não no crescimento individual e coletivo do homem, enquanto usuário ativo das estruturas discursivas da linguagem.

2 Práticas docentes de análise textual: algumas reflexões

O fenômeno que se destaca como objeto desta investigação científica está centrado nas intersubjetividades e nas enunciações discursivas dos sujeitos, as quais se refletem nas práticas docentes de interpretação linguístico-cognitiva da tessitura textual. Desse modo,

constroem-se representações cada vez mais sofisticadas sobre o funcionamento da linguagem, num processo de articulação entre estrutura textual e análise linguística, o que denota a natureza social da língua, como organismo vivo a serviço das relações interativas que se verificam entre o homem e os acontecimentos inerentes á sua realidade. Assim se estabelece uma esfera sociocognitiva em que se evidenciam múltiplas posições ideológicas e diversos níveis de domínio lexical convivendo, nas variadas expressões textuais, que se realizam no espaço público escolar.

Logo, sabendo que o entendimento do texto, no seu contexto pragmático, envolve aspectos externos como condições de produção, de recepção e de interpretação, é correto pensar o ato comunicativo com todos os pressupostos lingüísticos e sociológicos, buscando sempre a realização do mesmo em uma situação real de comunicação interativa.

Por esse motivo é que se faz necessário entender que, no texto, encontram-se inúmeras interpretações subjacentes e tantas outras que só se efetivam, realmente, pela ação do sujeito interlocutor com o objeto de estudo de que se apropria, como bem ratificam Fávero e Koch (1994) quando consideram que o objeto da linguística fundamenta-se na relação entre estrutura de um texto e as interpretações extensionais (em termos de mundos possíveis) do mundo (ou do complexo de mundos) que se textualiza em um texto.

Esse princípio teórico revela a dimensão interacional da língua, no seu nível mais elevado de realização, uma vez que a interrelação sujeito-objeto oportuniza o surgimento de interpretações autênticas acerca do ato de comunicação.

É fácil perceber que essa percepção de construção discursiva também se percebe em linguistas como Cagliari(1996), o qual, ao abordar os diversos procedimentos lingüísticos presentes no texto, enfatiza sempre todas as possibilidades de utilização da fala; com isso fica claro que o texto não pode ser examinado tão somente à luz de mecanismos estruturais inflexíveis, mas principalmente, numa dimensão de elaboração significativa das estruturas da língua.

As reflexões empreendidas neste estudo apontam para a necessidade de superar as práticas docentes de valorização, na escola pública, de uma escrita mecanicista, baseada em listas de exercício totalmente vazias de sentido, desvinculadas dos anseios dos sujeitos do discurso. É hora, pois de se lutar contra as práticas pedagógicas passivas, distante do que se pode chamar de ‘um verdadeiro ensino da Língua’, representativo das instâncias sociais. Vê-se, portanto, que há razões suficientes para que se investigue se há empenho da escola, no sentido de se confirmar a função política e social da língua, na formação de leitores hábeis, no que concerne aos usos da palavra.

Há de se considerar que impera, portanto, a urgência por estudos críticos acerca das análises textuais efetuadas pelos professores da escola municipal, na perspectiva de se investigar o tratamento dado por eles às múltiplas manifestações linguísticas que se encontram no espaço escolar. Até porque é bom observar o valor atribuído pelos interlocutores da pesquisa às questões de coloquialismo, oralidade e até mesmo aos diversos gêneros textuais que possam explorar as várias manifestações dos universos coletivos. Assim, foca-se a atenção para outros aspectos do texto, que vão além dos estereótipos gramaticais, ou seja busca-se a aquisição de habilidades de se produzir “bons textos” no sentido de atender às exigências do mundo atual globalizado. O que se ajusta muito bem ao pensamento de Antunes (2003), a qual vê o texto não como espaço de correção gramatical, porém como uma situação em que se possam contemplar as inúmeras variantes do ato comunicativo.

Na perspectiva apontada pela autora, há o imperativo a que o professor conceda maior atenção aos aspectos relativos à compreensão, clareza e precisão da linguagem, sem esquecer a adequação das expressões linguísticas à função do texto, em sua dimensão contextual; pois, nesse meio, é que se definem as relações dos sujeitos com o objeto lingüístico, um espaço em que se misturam a língua e a historicidade do ser. Assim, tenta-se construir uma educação autônoma, preocupada com as transformações sociais, que reclamam a existência de indivíduos hábeis no que concerne ao exercício da comunicação.

Isso mostra, conforme Freire(1996), que toda herança cultural manifesta por meio da língua é transmitida às gerações posteriores através do processo dialético entre as estruturas históricas e linguísticas que interferem na vivência dos grupos constituídos. No entanto, para que haja tal liberdade de expressão, é preciso, conforme Soares (1994), afastar do meio escolar qualquer preconceito característico das sociedades classistas, como, por exemplo, o que se refere aos dialetos não-padrão, tidos como inferiores, já que advindos de grupos socialmente menos favorecidos.

E é aí que entra o papel da escola como um instrumento facilitador de todas as instâncias expressivas da linguagem, devendo valorizar não só a norma linguística de prestígio social, mas também todos os falares diversificados produzidos pelos sujeitos em suas instâncias de comunicação humana.

3 Os procedimentos metodológicos do estudo

O desenvolvimento deste estudo realizou-se por meio de uma pesquisa de campo, de abordagem qualitativa, do tipo estudo de caso, em virtude de o problema em foco encontrar-se

delimitado no bojo da comunicação humana, caracterizando-se como um fenômeno inerente às Ciências Sociais. Sendo assim, os procedimentos metodológicos empreendidos voltaram-se para a investigação dos pressupostos sociolinguísticos manifestos nas práticas didático-pedagógicas de análise textual de três professores da 5.^a e 6.^a séries de uma escola da rede municipal de ensino, localizada na zona urbana de Teresina.

O processo de coleta de dados, inicialmente, efetivou-se, tomando-se como instrumentos básicos, questionários com questões fechadas para a caracterização do perfil dos sujeitos envolvidos na pesquisa, conforme expressa o quadro 01:

Sujeitos da pesquisa	Sexo	Formação Profissional	Faixa Etária em anos	Experiência em anos		Níveis de ensino em que trabalhou	Turno de trabalho	Regime de Trabalho na escola	Atividades em outras instituições de ensino	Órgão
				Na área	Na escola					
<i>Docente 1 Ana</i>	<i>F</i>	<i>Licenciatura Plena em Letras Português</i>	<i>31 a 40</i>	<i>8</i>	<i>2</i>	<i>Fundamental</i>	<i>Manhã</i>	<i>20 horas</i>	<i>Sim</i>	<i>Público</i>
<i>Docente 2 Maria</i>	<i>F</i>	<i>Licenciatura Plena em Letras Português</i>	<i>31 a 40</i>	<i>7</i>	<i>2</i>	<i>Fundamental e EJA - Educação de jovens e adultos</i>	<i>Manhã</i>	<i>20 horas</i>	<i>Sim</i>	<i>Público</i>
<i>Docente 3 Joana</i>	<i>F</i>	<i>Licenciatura Plena em Letras Português</i>	<i>18 a 30</i>	<i>3</i>	<i>2</i>	<i>Fundamental</i>	<i>Manhã</i>	<i>20 horas</i>	<i>Não</i>	<i>----</i>

Quadro 01 – Caracterização dos sujeitos
Fonte: Dados do questionário da pesquisa

A análise dos dados produzidos a partir do questionário evidenciou o perfil dos sujeitos do estudo, possibilitando a constatação de que os mesmos, convencionalmente, denominadas, respectivamente, por Ana, Maria e Joana possuem apenas o Curso de Licenciatura Plena em Letras Português, tendo uma experiência ainda considerada média no trabalho com a Língua Portuguesa. A prof.^a Joana, por sua vez, conta ainda com uma experiência mais exígua, apenas três anos de atividade na área específica de ensino da Língua.

A experiência profissional das professoras em foco com outros níveis de ensino também é deficitária, e somente a prof.^a Maria trabalha com outras instâncias educativas além do Ensino Fundamental, pois é docente do EJA – Educação de Jovens e Adultos. Todas as docentes são efetivas, atuando no turno manhã, em regime de 20 horas semanais, e apenas Joana não trabalha em outras instituições de ensino.

Articuladas ao questionário, foram realizadas entrevistas semi-estruturadas focadas nas peculiaridades do Ensino da Língua Portuguesa, com vistas à análise das concepções docentes nas práticas de interpretação de qualidade textual. Através desse procedimento, foi

possível identificar os pressupostos privilegiados pelas professoras para a avaliação das estruturas discursivas elaboradas pelo aluno.

Durante o desenvolvimento das entrevistas, as interlocutoras foram questionadas acerca de qualidade textual, variações linguísticas, expressão sociocultural discente, traços da oralidade no texto escrito e, sobre a importância da gramática padrão para a formação do aluno, entre outros aspectos. Os dados obtidos, por meio de gravações em áudio, foram, posteriormente, transcritos integralmente, de maneira imparcial, no intuito de se obter resultados coerentes com o fenômeno pesquisado.

Dentro deste processo de análise de dados, procurou-se investigar se os pressupostos teóricos expressos pelas professoras, no bojo das entrevistas, concretizavam-se ou não nas práticas pedagógicas cotidianas. Este foi um momento em que, de forma complementar, trabalhou-se diretamente com as produções escritas do aluno, para a averiguação dos critérios sociolinguísticos valorizados pelas docentes nas atividades docentes de avaliação textual.

4 Aspectos recorrentes nas práticas docentes de avaliação textual.

E, dentro dessa concepção de diversidade de normas e usos da língua, é que surgiu a necessidade de se estabelecer eixos básicos para a análise de dados desta pesquisa, conforme se representa no esquema abaixo:

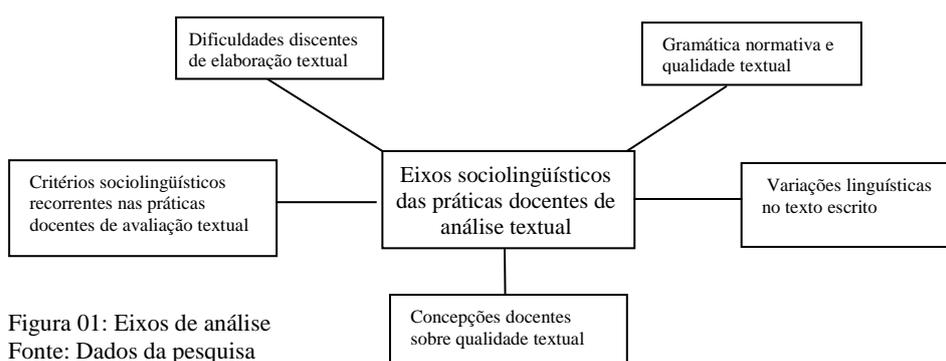


Figura 01: Eixos de análise
Fonte: Dados da pesquisa

4.1 Gramática normativa e qualidade textual

No ensino da língua, concentra-se boa parte dos conflitos em torno das estruturas discursivas: se tradicionais ou informais, ‘certas’ ou ‘erradas’, enfim, há uma realidade demarcada por preconceitos e indiferenças no que concerne às estruturas tanto da fala quanto da escrita. Até porque muitos estudiosos como, por exemplo, Antunes (2003) defendem uma

língua capaz de refletir as diversidades geográficas, sociais, bem como os registros individuais, em função da compreensão e produção dos atos de comunicação, Daí se consideram, observando-se bem, nas falas abaixo, a maneira como as variantes formais e informais da língua são tratadas.

– Bom, a gente tem que colocar esta gramática aí pra eles, apesar de ser muito difícil, porque eles têm aquela que eles já trazem. Eles querem escrever do jeito que falam, mas, na vida deles, vai ser importante esta questão e o que vai ser cobrado é a gramática normativa. Tudo agora é a questão dos testes e dos concursos, e o que vai ser cobrado é a gramática normativa! (Prof.^a Ana).

– A gramática normativa, “bicho-papão”, todo mundo tece críticas e mais críticas, mas eu acho o seguinte: infelizmente nossos concursos cobram, não tem como fechar os olhos e eu tenho que cobrar mesmo! (Prof.^a Maria).

– Eles têm que saber a diferença, porque vai ser muito importante para eles à norma culta na hora em que ele for prestar um vestibular, um concurso; vai ser muito importante com relação à variante não-padrão, mas eles têm que saber a diferença e a hora de usar. (Prof.^a Joana).

Lançando um olhar reflexivo sobre os dados construídos, pode-se perceber neles um ranço de tradicionalismo profundo, no que se refere às práticas didáticas conservadoras, tais como as atividades linguísticas voltadas para a satisfação de imperativos mercadológicos como os vestibulares e os diversos concursos públicos que ocorrem nas esferas sociais.

E, assim, pode-se afirmar que ainda o ensino da língua permanece atrelado a uma concepção altamente mecânica e capitalista, sem nenhum destaque para os usos sociais dos elementos lingüísticos, uma forma de se reafirmar a escola como um sistema a serviço das camadas sociais dominantes.

4.2 Critérios sociolinguísticos recorrentes nas práticas docentes de avaliação textual.

Não se pode negar que um exercício prático para a comprovação dos pressupostos sociolinguísticos expressos pelos sujeitos investigados é sempre válido, num trabalho como este, com vistas à definição das concepções valorizadas pelas interlocutoras do estudo na

avaliação do texto do aluno. Por esse motivo é que se analisam produções textuais de alguns alunos avaliadas pelos sujeitos da pesquisa, uma forma de se perceber os critérios avaliatórios selecionados pelas docentes como adequados a uma elaboração textual satisfatória. Por isso, achou-se necessário apresentar exemplos textuais, estabelecendo-se análise comparativa entre os pressupostos lingüísticos expressos, teoricamente, pelas professoras entrevistadas e suas práticas avaliativas de qualidade textual.

58

Bem!!!

Minhas férias

As minhas férias foram as melhores do ano, porque eu viajei lá pro interior. Eu vi um bocado de palmarinho e também brinquei muito.

Nas férias eu vi uma cobra comendo a pua presa e nos finais de semana eu ia jogar bola no campo e também nadava no riacho eu gostei pipa mas o mais importante mesmo é que eu passei vários dias com a minha família e fiquei longe do meu padrao que quase me dá um videogame.

Quando eu vou, eu vou eu fui na casa do Anderson jogar bola e estudar um pouco, porque na vida é preciso estudar.

Crterios: Ortografia
Caligrafia
Sequência lógica das idéias
Parágrafos

Valor da Redação: 2 pontos.

Obs: Dênis, reescreva seu texto fazendo as correções adequadas.

Texto 01: Produção do aluno
Fonte: Dados da pesquisa

55

MIRHAS FÉRIAS Muito Bom

Nas minhas férias eu não viajei porque minha mãe não tinha dinheiro, mais o importante é que eu me diverti muito.

Eu brinquei com os meus amigos futebol no campinho, eu brinquei de manchete, de pipa, de pique, de saba latinha e etc.

Pra Você que não sabe o que é manchete, A manchete é uma brincadeira muito que cansa muito, a brincadeira tem dois times, um fica de um lado e outro time fica do outro lado, aí você faz um desenho quadrado no chão e um pequeno círculo redondo no meio. Aí no meio você coloca 5 tijolos pequenos, quadrado no meio, aí uma pessoa de cada time tem uma bola, aí você tem que tentar derrubar o tijolo que tem no meio, derrubar a pessoa que derrubou corre e o outro time corre atrás dele com a bola se a pessoa quiser o outro time jogando a bola nele ganha, se não ganha.

Crterios: Caligrafia Parágrafos
Ortografia
Sequência lógica das idéias

Valor da Redação: 2 pontos.

Texto 02: Produção do aluno
Fonte: Dados da pesquisa

Atentando-se para os textos 1 e 2, ambos produções de alunos da 5.^a série, percebe-se neles todo um processo de avaliação docente baseado totalmente nos aspectos estético e estrutural da língua, sem nenhuma menção a critérios semânticos de natureza sociocognitiva. O texto 2, por exemplo, que recebeu maior nota apresenta uma quebra de idéias no desenvolvimento, tornando-se totalmente descritivo e, morfológicamente repetitivo, sem uma conclusão visível para a proposta de produção textual. O texto 1, por sua vez, apresenta uma seqüência de idéias fortemente coerente e coesa, interligada a aspectos sociais do sujeito; além de conter um fecho crítico, reflexo de uma mente questionadora, sendo que nada disso fora notado pelo avaliador.

Essa postura da professora contrasta imensamente com o que expõe sobre qualidade textual, quando diz 'que um texto bem escrito tem que ser bem estruturado com início, meio e fim'. Ao mesmo tempo, isso também confirma sua visão mecanicista e tradicional sobre as

atividades linguísticas, pois chega mesmo a considerar as diferentes interpretações dos alunos como ‘desvios’, justificando que há uma grande necessidade de o aluno compreender a fundo os arranjos gramaticais tais como sujeito, predicado e objeto e expressar uma única interpretação textual.

Frente às produções textuais 3 e 4 que seguem, ambas de alunos da 6.^a série, pode-se perceber, na avaliação das mesmas, uma postura docente altamente tradicional, de extrema valorização dos estereotipados elementos da gramática normativa, em detrimento de qualquer apreço à significativa teia argumentativa que subjaz à organização textual:

Dengue

Dengue é uma doença muito perigosa porque se não for bem tratada pode chegar a morte.

Por causa disso tantas pessoas já morreram com a dengue e hemorrágica.

Ela se trata de uma doença que se pega através da picada de mosquito.

Para que não aconteça isso você tem que fazer tudo ao pé da letra. Como não deixar água parada pois o mosquito nasce na água. Atenção!

Muito bem.

Texto 03: Produção do aluno
Fonte: Dados da pesquisa

A dengue Hemorrágica

A dengue matou sete pessoas no Piauí, a dengue hemorrágica matou muitas pessoas, por isso não vamos deixar a água parada em vasos de planta, em caixa de água, o mosquito vive ali e pega.

A dengue hemorrágica é perigosa. Dengue matou e há muitos casos de dengue em Teresina, como a surtina.

A dengue aqui em Teresina está em grande quantidade, por isso os ventistas estão atrás da cura, buscando um tratamento milhó que possa prolongar a vida. cuidado, Dengue matou!

A letra "a" está igual ao "o" ex: vasos
Nomes próprios devem ser escritos com letra maiúscula.

Pesquise no dicionário as palavras sublinhadas.
Organize melhor as idéias antes de escrever.
Reescreva todo o texto.
Acentue as palavras corretamente

Texto 04: Produção do aluno
Fonte: Dados da pesquisa

Atentando-se para o texto 3, por exemplo, fica evidente que, apesar de o mesmo apresentar uma organização discursiva com elementos coesivos e uma seqüência de elaboração com princípio, meio e fim, expressos através de uma linguagem gramaticalmente aceitável, ainda se percebe que perde para o texto 4, em termo de riqueza de idéias e de conhecimento de mundo, pois, o texto 4, mesmo com todos os desarranjos ortográficos e morfosintáticos, que o afastam da norma padrão, é altamente denso nas esferas de metacognição, ou seja, na capacidade de trabalhar criticamente aspectos que vão para além dos níveis de formalidade, expressão dos diversos conhecimentos socioculturais do cotidiano humano.

No texto 4, o aluno apresentou um rico conhecimento sociocultural, o que, em momento algum, fora notado pela professora, a qual priorizou tão somente a carga de

exigências padronizadas pelo ensino mecânico de Língua Portuguesa, o que se constitui numa postura docente bastante negativa para o desenvolvimento do processo ensino-aprendizagem, um forte desestímulo para as habilidades linguísticas criadoras trabalhada pelo homem.

4.3 Dificuldades discentes de elaboração textual e variações linguísticas no texto escrito

Nas reflexões concernentes às falas dos interlocutores da pesquisa, com relação aos aspectos supra-citados, verificaram-se preocupações constantes como as dificuldades do aluno em fazer uso “correto” dos padrões gramaticais, relevando um apego muito forte das docentes às questões relativas à norma culta, em detrimento das vivências coletivas que se verificam no texto oral ou escrito.

Nota-se, aí, como bem discorre Soares(1994), que a escola ainda não desenvolveu a preocupação de romper preconceitos em torno dos costumes linguísticos sociais populares, deixando, assim, de lutar por uma educação inclusiva, no tocante às diversas formas de expressividade humana.

4.4 Concepções docentes sobre qualidade textual

Nesse item, os sujeitos em foco definiram, objetivamente, seus pressupostos avaliatórios sobre qualidade textual, sempre primando pela valorização da organização externo-estrutural do texto, numa clara demonstração de preferência pelas exigências formais do discurso e por um ensino de língua mecanicista e passivo, no âmbito da escola pública municipal.

5 À guisa de conclusão

Certamente os reflexos de um estudo como este, voltado para as esferas educativas, notadamente do que concerne ao ensino da Língua Portuguesa na escola pública municipal, são diversos e significativos ao redimensionamento de práticas pedagógicas comprometidas com as vivências linguísticas dos usuários do idioma.

Partindo, pois, de um prisma crítico sobre o fenômeno investigado, construíram-se dados reveladores de uma postura docente tradicional e descontextualizada, no que concerne às atividades didáticas de análise textual. Isso se torna evidente, quando se realizou o

confronto entre os pressupostos teóricos expressos nas falas dos sujeitos da pesquisa com suas atividades de avaliação das produções textuais do aluno.

Há de se considerar que práticas didáticas como essas, centradas na valorização das estruturas externas da língua, ou seja, dos arranjos formais alusivos à Gramática Normativa ofuscam os propósitos de uma comunicação funcional a serviço da cidadania, o que se constitui num aviltamento dos potenciais linguísticos característicos dos falares dos grupos menos favorecidos culturalmente nas esferas sociais. Nesse sentido, só se verifica maior atenção docente com os estereótipos textuais já tão arraigados a um ensino de língua fundamentado nos padrões de uma cultura educacional imposta, que desconsidera a influência dos sujeitos do discurso na elaboração dos eventos da comunicação humana.

Desse modo, as professoras interlocutoras do estudo deixaram de associar os fundamentos estruturais de sua disciplina com os conhecimentos construídos cotidianamente pelo aluno, afastando com isso a perspectiva dialógica para o ensino de Língua Portuguesa, numa atitude que anula as vozes do aluno e ignora suas idéias e dúvidas, impedindo o diálogo em nome da autoridade da ‘voz docente’. A respeito disso contemplam-se opiniões de lingüistas como Bakhtin (1997), que preza pela construção de um espaço educativo em que haja elaboração de conhecimentos e de visões críticas do mundo, uma esfera onde os sujeitos aprendem várias formas de ver, de compreender e de falar da realidade, ou seja, um momento em que se implementa, na escola, uma perspectiva linguística interativa, a qual aproxima os usuários da língua de suas vivências cotidianas.

Portanto, os resultados deste trabalho apontam para atividades docentes de análise textual indiferentes ao papel dos sujeitos do discurso, nos processos de apropriação e de elaboração semântica, o que revela, claramente, uma prática de minimização das possibilidades do aluno na construção dos significados textuais.

Assim, todos os pressupostos de valorização das capacidades linguísticas do aluno, expressos nas falas das interlocutoras deste estudo, anulam-se diante das práticas arcaicas de análise realizadas nos textos dos discentes, numa demonstração clara de aceitação e propagação da cultura linguística característica dos grupos sociais dominantes.

Este, por conseguinte, é um trabalho que pode estimular a realização de tantas outras pesquisas, na área da comunicação humana, haja vista a importância que desempenham os conhecimentos de Língua Portuguesa na aquisição e implementação de muitos outros saberes e projetos sociais, visando sempre à melhoria do processo ensino-aprendizagem, em nome da construção das cidadanias plenas.

6 Referências

- ANTUNES, I. **Aula de Português: encontro & interação.** São Paulo: Parábola, 2003.
- BAKHTIN, M. **Marxismo e filosofia da linguagem.** São Paulo: Hucitec, 1997.
- CAGLIARI, L.C. **Alfabetização & Linguística** 9.ed. São Paulo: Scipione, 1996.
- DEPRESBITERIS, Léa. **Avaliação educacional em três atos.** São Paulo: Senac, 1999.
- FÁVERO, L.L; KOCH, I.G.V. **Linguística Textual: introdução.** 3. ed. São Paulo: Cortez, 1994.
- FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa.** São Paulo: Paz e Terra, 1996.
- GÓES, M. C. R. **A significação nos espaços educacionais: interação social e subjetivação.** Campinas: Papirus, 1997.
- SOARES, M. **Linguagem e Escola: uma perspectiva social.** 12. ed. São Paulo: Ática, 1994.

APÊNDICE A – Questionário roteiro para caracterização de perfil profissional docente

Prezado(a) Professor(a),

Solicitamos sua colaboração, no sentido de fornecer as informações requeridas neste roteiro; as mesmas servirão para procedermos a uma caracterização dos professores de Língua Portuguesa da 5ª e 6ª Séries desta Escola Municipal, tendo, por objetivo, traçar o perfil profissional de Vossa Senhoria, a fim de subsidiar esta pesquisa para enriquecimento da nossa prática pedagógica e, conseqüentemente, do processo ensino-aprendizagem.

- | | |
|---|--|
| <p>1. Dados de Identificação</p> <p>Nome: _____</p> <p>Endereço: _____</p> <p>2. Escolaridade</p> <p>Ensino Superior ()</p> <p>Especialização ()</p> <p>Mestrado ()</p> <p>Doutorado ()</p> <p>3. Faixa Etária</p> <p>18 a 30 anos ()</p> <p>31 a 40 anos ()</p> <p>41 a 50 anos ()</p> <p>Acima de 50 anos ()</p> <p>4. Experiência profissional</p> <p>Tempo de experiência em sala de aula _____</p> <p>Tempo de serviço na escola _____</p> <p>5. Regime de trabalho nesta escola:</p> <p>20 horas ()</p> <p>40 horas ()</p> | <p>6. Níveis de ensino em que ministra (ou ministrou) aulas:</p> <p>Fundamental ()</p> <p>Médio ()</p> <p>Técnico ()</p> <p>Educ. de Jovens e Adultos–EJA ()</p> <p>Superior ()</p> <p>7. Turno de trabalho na escola:</p> <p>Manhã ()</p> <p>Tarde ()</p> <p>Noite ()</p> <p>8. Trabalha em outros órgãos de ensino?</p> <p>Sim ()</p> <p>Não ()</p> <p>9. Natureza da instituição:</p> <p>Pública ()</p> <p>Privada ()</p> |
|---|--|

Obrigada pela preciosa colaboração!

APÊNDICE B – Entrevista: o ensino de Língua Portuguesa e a análise textual

1. O que mais lhe chama atenção no trabalho com Língua Portuguesa?

2. Quais são suas maiores dificuldades em trabalhar com a língua materna?

3. Para você, o que o aluno considera mais difícil no ato de produzir um texto escrito? Por quê?

4. No seu entendimento, qual a relação entre gramática normativa e texto escrito?

5. E quanto à oralidade, ela é importante para a produção do texto escrito? Por quê?

6. No processo de produção textual, qual a variante linguística mais explorada pelo aluno, a coloquial ou a culta? Por que isso acontece?

7. Como você lida com as diversidades linguísticas apresentadas pelo aluno no contexto da sala de aula?

8. Para você o que é um bom texto?

Obrigada pela preciosa colaboração!